

Sarney deveria ouvir quem conhece País

RIO
AGÊNCIA ESTADO

O presidente Sarney muito ganharia se ouvisse, a respeito da situação interna do País, não bispos estrangeiros ou pajés miraculosos, mas homens de longa experiência no trato da coisa pública e conhecimento profundo do drama do Brasil "real" — isso sem falar da sua intimidade com as eternas mazelas e desditas da Nação "legal".

O presidente da República não sabe o que está perdendo, quando deixa de escutar observações e até mesmo conselhos e advertências de atentos caciques políticos como Antônio Balbino, que já por ter sido quase tudo na vida pública sabe como nenhum outro o que contam os passarinhos e onde dormem as andorinhas.

O ex-ministro da Justiça, ex-governador da Bahia, senador e deputado da República, antes e depois de 64, está, por exemplo, apenas horrorizado com as atemorizantes perspectivas criadas pela inflação galopante e a famosa reforma agrária feita na marra e com a inspiração dos bispos que se rotulam "progressistas".

Nos primeiros dias de dezembro do ano passado, o experimentado político e advogado baiano havia previsto, para janeiro do ano em curso, uma inflação mensal às portas dos 14%. Da mesma forma, não se ilude mais com o atual ritmo inflacionário antes de terminar fevereiro, certo de que ultrapassará a casa dos 15%, rumando daí para pior ao longo dos dez meses restantes do ano.

E a reforma agrária? Numa bobagem irresponsável: para Antônio Balbino, a socialização no Brasil através da estatização crescente está sendo processada cada vez mais "a varejo", pois a esperança maior da esquerda radical, e até mesmo da que se diz moderada, é estrangular, a partir da Constituinte, a iniciativa privada.

Socialistas e comunistas, de mãos dadas com os reverendos "progressistas", vão unir-se em torno de exigências cada vez mais ferozes, da já decidida "estatização" dos meios de comunicação (notadamente a televisão e emissoras de rádio) à nacionalização dos bancos, tese também em franco desenvolvimento. Só os cegos, diz mestre Balbino, não enxergam isso: "Estamos hoje muito mais próximos da República sindicalista do que às vésperas do 64", acredita o ex-senador do MDB.

Claro, muito dessa coisa depende da votação a ser obtida pelas correntes de esquerda no País, que dispõem de mais publicidade gratuita na imprensa burguesa do que de votos propriamente ditos.

É na inflação crescente que Leonel Brizola está jogando pesado para alcançar afinal o sonho da sua

vida: as "eleições gerais" no País, notadamente para a Presidência da República.

Essa inflação crescente é não apenas estímulo, mas arma secreta favorita do pequeno caudilho para sua ofensiva eleitoral e a das esquerdas em geral, inclusive dos padres marxistas.

No meio dessa alucinação geral, o governo Sarney, parecendo como sempre ser "capitalista" sob normas claramente "socialistas", promete distribuir litros de leite à população, como se isso não fosse uma dessas mentirinhas populistas de que todos estão cansados.

E na área rural, como está a reforma agrária do governo? O que está ocorrendo de fato a respeito de tal reforma? Experientes fazendeiros que compram touros de raça para melhoria dos rebanhos, a preços que vão de 8 a 18 mil dólares, irão simplesmente abandonar tais atividades, preferindo colocar seu dinheiro no mercado de capitais, pois só um daqueles boizinhos de 18 mil dólares, convertido em moeda nativa, propicia uma renda certa de 20 milhões de cruzeiros mensais — e quem há de querer trabalho tão exaustivo, quando pode ganhar mensalmente tudo isso sem o mínimo esforço? Depois, este é o País onde nem seguro pecuário sequer existe: daí uma simples picada de cascavel poder destruir parte do patrimônio de qualquer fazendeiro.

E o governo, instigado pela Igreja da CNB do B, obrigando-se a cometer outras loucuras ainda, como gastar, para só implantar uma família, dentro de uma propriedade de 20 a 25 hectares, que só produzirá dois ou três anos depois cerca de 15 mil dólares ou mais, sem retorno... Duzentos e setenta milhões de cruzeiros assim para instalar, sem produtividade durante dois ou três anos, uma só família? Não seria então mais racional presentear cada uma delas com 50 ou 100 milhões mensais, com o direito de operar no open?

Os prelados da CNB do B empenhados na agitação rural, porém, andam por aí de biquinho calado — e não há nada que os faça revelar o número exato das propriedades rurais que a Igreja possui no Brasil.

O Ibre, da Fundação Getúlio Vargas, bem que poderia fazer esse levantamento, dizendo em que condições elas se acham e qual o valor atual dessas terras no mercado.

Seria uma boa. Pois não é essa a mesma Igreja "progressista" que impõe aos poderes laicos da República — cada dia mais — a obrigação de instalar, manter e produzir só de futuro um novo e privilegiado campesinato à custa dos cofres públicos, sobretudo do Banco do Brasil? Isso é matéria para meditação do presidente Sarney, e o mais é literatura, aticando contra nós todos enxames de marimbondos perigosamente em fogo.

N.M.